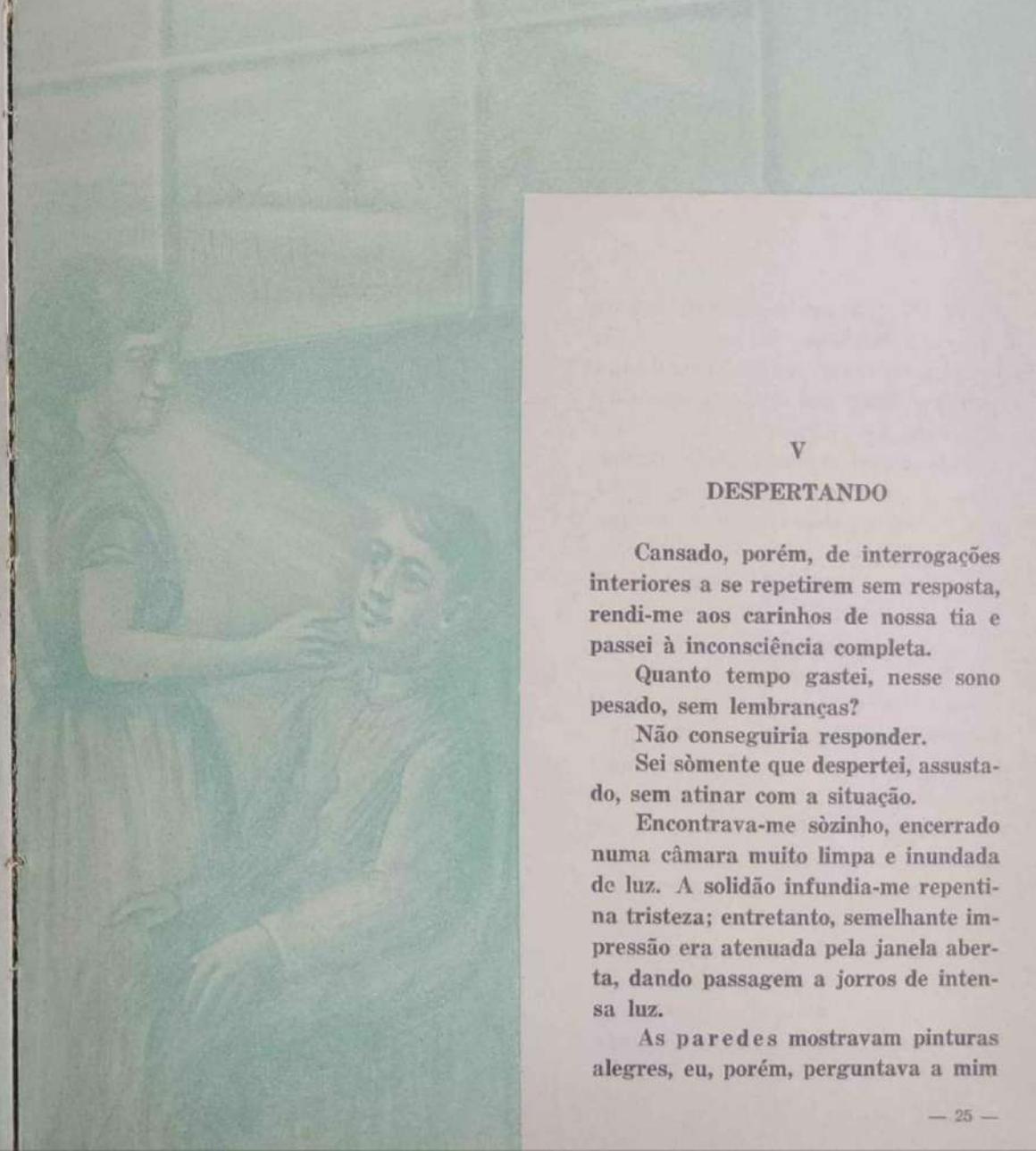


Os caminhos aéreos, repletos de
luar, surpreendiam-me os olhos espan-
tados.

Então, as impressões de sonho fo-
ram mais nítidas em mim.

Estava certo de que tudo não pas-
sava de fantasia e de que tornaria a
casa, despertando, novamente, no leito
habitual.



V

DESPERTANDO

Cansado, porém, de interrogações
interiores a se repetirem sem resposta,
rendi-me aos carinhos de nossa tia e
passei à inconsciência completa.

Quanto tempo gastei, nesse sono
pesado, sem lembranças?

Não conseguiria responder.

Sei sómente que despercei, assusta-
do, sem atinar com a situação.

Encontrava-me sózinho, encerrado
numa câmara muito limpa e inundada
de luz. A solidão infundia-me repentina
tristeza; entretanto, semelhante im-
pressão era atenuada pela janela aber-
ta, dando passagem a jorros de inten-
sa luz.

As paredes mostravam pinturas
alegres, eu, porém, perguntava a mim

mesmo se não fora transportado para algum hospital.

Ao longe, através da janela de vastas proporções, via a paisagem desdobrar-se...

O céu azul-radioso parecia mandar-me brisa suave e refrigerante.

Examinei, atenciosamente, em torno. O mobiliário era muito diverso.

Pelas poltronas acolhedoras e divãs convidativos, concluí que a sala era exclusivamente consagrada ao repouso.

Reparei em mim próprio, surpreendido. Teria passado a difteria? O Doutor Martinho conseguira finalmente curar-me? Minha garganta não doía mais. Não fôsse a fraqueza em que me achava, quase poderia levantar-me e ensaiar alguns passos. Toquei meus cabelos e meus pés.

Que ocorrência me levara a semelhante modificação? Estaria, porventura, em casa? aquele comportamento, porém, me era totalmente desconhecido.

Recordava os últimos quadros que haviam precedido meu grande sono.

Fortemente admirado, recordava-me de suas mínimas particularidades.

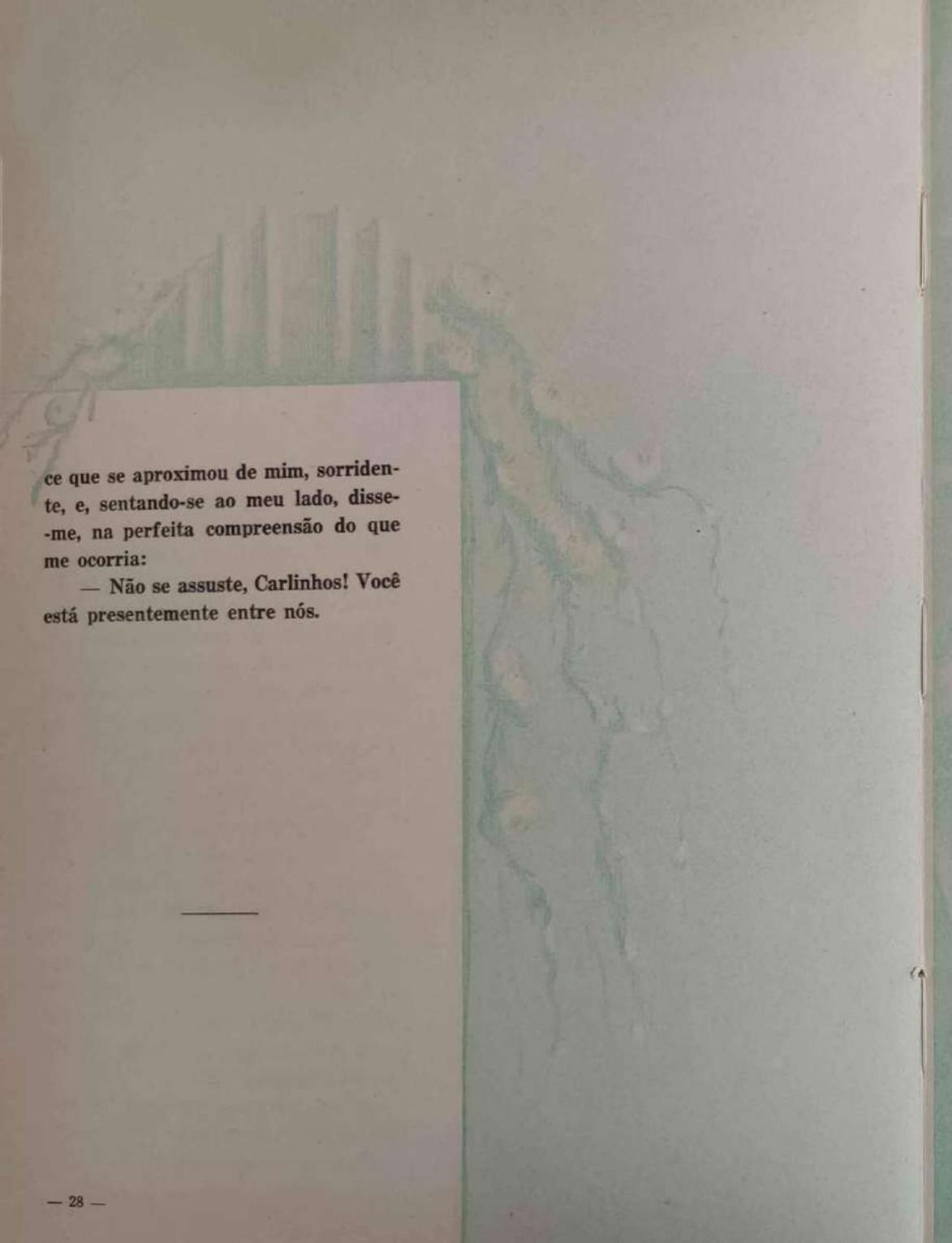
E mamãe? porque não aparecia? onde estava, sem trazer-me o abraço carinhoso de felicitações pela convalescença? Relembrando-lhe a ternura das últimas horas de meu corpo terrestre, experimentei funda saudade, com infinito desejo de chorar. Sómente então observei que passara longas horas sem dizer coisa alguma. Minha garganta estaria em condições de auxiliar-me? Tentei a prova e gritei:

— Mamãe! mamãe!

Logo após uma voz lamentosa ressoou dentro de mim. Bem notei que não a registava com os ouvidos. Parecia nascer de meu próprio coração, dilacerando-o. Era bem a voz de nossa maezinha, exclamando com acento angustioso:

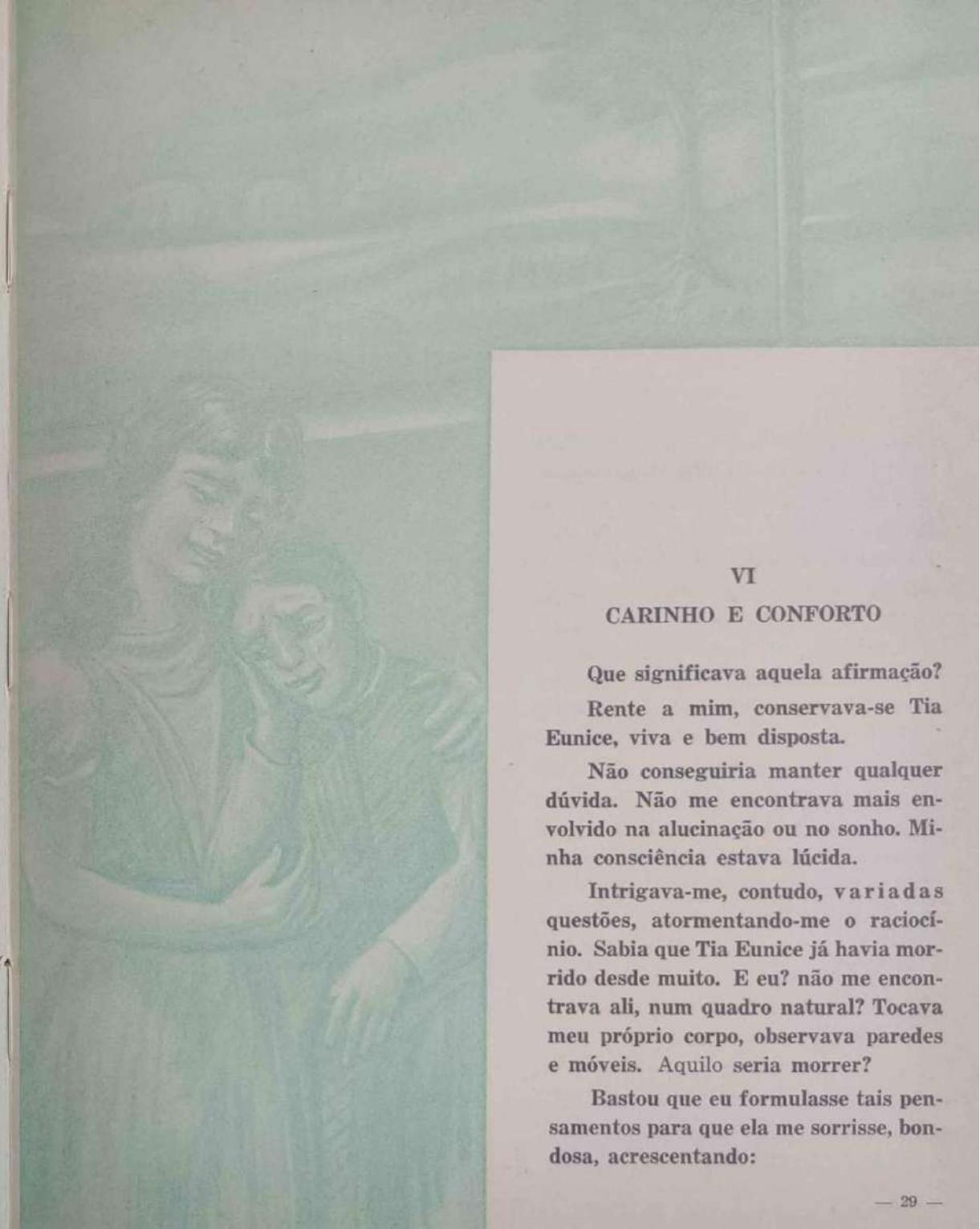
— Carlos! Carlos!... meu filho, volta, volta!... não me abandones! não me abandones!...

Antes que eu pudesse refletir sobre a nova situação, abriu-se uma porta próxima, dando passagem à Tia Euni-



ce que se aproximou de mim, sorridente, e, sentando-se ao meu lado, disse-me, na perfeita compreensão do que me ocorria:

— Não se assuste, Carlinhos! Você está presentemente entre nós.



VI

CARINHO E CONFORTO

Que significava aquela afirmação?

Rente a mim, conservava-se Tia Eunice, viva e bem disposta.

Não conseguia manter qualquer dúvida. Não me encontrava mais envolvido na alucinação ou no sonho. Minha consciência estava lúcida.

Intrigava-me, contudo, varia das questões, atormentando-me o raciocínio. Sabia que Tia Eunice já havia morrido desde muito. E eu? não me encontrava ali, num quadro natural? Tocava meu próprio corpo, observava paredes e móveis. Aquilo seria morrer?

Bastou que eu formulasse tais pensamentos para que ela me sorrisse, bondosa, acrescentando: